

Leibniz: ação racional e fraqueza da vontade¹

André Chagas Ferreira de Souza²

Resumo: Neste artigo, procura-se enfatizar um clássico problema ligado à ação humana que pode ser extraído dos textos leibnizianos, a saber, a fraqueza da vontade, uma questão resumida de maneira emblemática por Ovídio: *Vejo o melhor partido e o aprovo, porém adoto o pior*. O autor da *Teodicéia* parece sugerir um caminho para entender o fenômeno da *akrasia*. Uma boa fonte para essa investigação é a sua obra *Novos Ensaios sobre o Entendimento Humano*, em que ele debate teses dos *Ensaios sobre o Entendimento Humano* de Locke. No texto leibniziano, um dos conceitos discutidos é o de *inquietação* (*uneasiness*). Locke entende que o fundamento para as ações humanas seria evitar o incômodo causado pela sensação de falta de algo. Leibniz não refuta por completo essa ideia do filósofo inglês, porém busca aperfeiçoá-la ao introduzir as “percepções inapercebidas”. Na filosofia leibniziana, o problema da fraqueza da vontade pode estar ligado a uma região que o agente não conhece diretamente, mas que é fundamental para qualquer ação, mesmo para as ditas racionais.

Palavras-chave: ação humana – fraqueza da vontade – Leibniz – vontade – percepção.

O tema da fraqueza da vontade na filosofia de Leibniz é investigado no seu *Novos Ensaios sobre o Entendimento Humano*, em que ele discute diretamente com a obra quase homônima de Locke, os *Ensaios sobre o Entendimento Humano*. Apesar da menção expressa ao outro filósofo, a atenção será dirigida apenas à obra do filósofo alemão, pois seria inviável trazer as teses do filósofo britânico a fim de fazer um estudo comparativo entre os dois pensadores e notar se são pertinentes

¹ Uma versão preliminar desse artigo foi apresentada no VI Seminário de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar – 2010 e ao Grupo de Estudos da Ética de Aristóteles – FFLCH-USP – 2010. Sou grato por todas as observações recebidas ao longo desses encontros.

² Doutorando em Filosofia pela FFLCH-USP. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - Fapesp. E-mail: chagas.andre@gmail.com. Orientador: Luiz Henrique Lopes dos Santos.

as críticas que Leibniz dirige a Locke. Assim, os *Novos Ensaios* serão examinados como uma obra autônoma, como se independesse da consulta constante ao livro do filósofo britânico. Conforme essa proposta, não será mais invocado o nome de Locke. Tal procedimento é permitido, visto que o livro de Leibniz é montado na forma de diálogo, onde um dos personagens, *Filaeto*, apresenta teses de inspiração lockeana, e será usado exclusivamente esse nome para invocar os supostos pensamentos de Locke. O outro personagem, responsável pelas teses de Leibniz, se chama *Teófilo*; nesse caso serão utilizados indistintamente os nomes Teófilo e Leibniz.

Em uma parte dos *Novos Ensaios*³, os dois personagens, Filaeto e Teófilo, debatem acerca do que realmente leva um ser humano a agir ou sobre o que incentiva a sua vontade. Nesse caso, a vontade é considerada a grande responsável pelo agir enquanto faculdade que dá o aval final para que o ato humano se inicie. Contudo, a vontade por si só não seria suficiente para mover alguém, a não ser que exista algo para lhe atrair. Os personagens buscam entender *o que seria o objeto da faculdade volitiva*.

Há o pensamento tradicional que defende a determinação da vontade por *aquilo que é reconhecido como um bem*. Se for considerada da maneira mais geral possível, essa tese indicará que a vontade costuma ser atraída pelo objeto que é tomado como um bem, ou melhor, que é *julgado* tratar-se de um bem. Isso quer dizer que caso alguém se depare com algo e o reconheça pensando “isto é bom para mim”, ele passa a almejar e a perseguir tal coisa. Dessa forma, pode-se considerar que há uma espécie de discurso formado na mente, em que é provável que haja uma esfera superior, que representa o padrão judicativo, expresso na forma “tal tipo de coisa ou tal gênero de objeto é bom para mim”; se isso é correto, haverá também uma segunda instância que indica que “tal tipo de objeto diante de mim se enquadra na categoria de coisas boas para mim”. Por fim, pode-se entender que faltará apenas o ato em direção ao objeto julgado bom, desde que não haja impedimentos para a ação. Assim, há descrição desse processo graças ao que é conhecido por *silogismo prático*.

3 LEIBNIZ, G. W. *Nouveaux Essais sur l'Entendement Humain*, pp. 155-182.

Pelas palavras de Teófilo, Leibniz sustenta que *a perseguição do que surge como um bem* é o princípio mais básico do que atrairia a vontade. Para ele, um agente inicia voluntariamente a ação a partir do julgamento de algo que passa a ser considerado bom.

Filaeto, por outro lado, não se convence de que o objeto reconhecido como bem é o principal elemento que incentivaria as ações. Ele chama a atenção para o fato de que muitas pessoas identificam ou ao menos *parecem* identificar o melhor partido que elas deveriam tomar, mas acabam se entregando à opção oposta, que poderia até mesmo ser portadora de um verdadeiro mal. Há tantas pessoas que aparentemente reconhecem o que devem fazer e que identificam o que é bom para elas, mas que são atraídas por opções que não são necessariamente boas para elas ou que mesmo lhes trarão grandes prejuízos. Isso leva a pensar em outra coisa com poder ainda maior para determinar a vontade do agente do que o reconhecimento de algo como bom.

Filaeto observa, então, que *a dor* tem grande força para mexer com os seres humanos. Certo desconforto sentido por alguém quando não está em posse de algo que lhe falta teria grande capacidade para movê-lo. Isso estaria por detrás do conceito de *uneasiness*, um termo difícil de ser traduzido, visto que pode significar dor, desconforto, incômodo, desprazer, intranquilidade, mal-estar. Parece adequado o uso da palavra *inquietação*, que se aproxima do termo francês utilizado por Leibniz (*inquiétude*).

A ideia de inquietação será radicalizada por Filaeto. Para ele, ela é a grande responsável pelas ações, as quais parecem ocorrer com vigor proporcional ao do incômodo sentido pela ausência do objeto desejado. Ele se refere a certas situações em que se poderiam observar pequenos desconfortos, como no caso da fome, da sede, entre outros desejos naturais que permitiriam o surgimento da ação, ou ainda, que estimulariam a vontade. Isso seria o grande elemento motivador para todas as ações.

Filaeto vai ainda mais longe ao dizer que mesmo o que fosse julgado bom pelo agente teria pouco poder para mover a vontade neste caso, não houvesse um mínimo de inquietação envolvida. Logo, a posição de Filaeto até pode dar

a entender que outras coisas podem ter efeito sobre as ações humanas, inclusive o suposto bem, mas a inquietação é o que sempre estaria por detrás da faculdade volitiva, ou que sustentaria sua opção.

Nota-se uma tese que enfraqueceria o pensamento da determinação pelo bem, ao identificar nele um suposto ponto fraco com a indicação de que a ação humana não ocorreria quando se pensasse que algo é bom enquanto não fosse sentindo o incômodo causado pela ausência de tal objeto. Mesmo que houvesse consciência de que algo é extremamente bom, e que contribuiria para a felicidade sem reduzir-se a um simples prazer momentâneo, ele não sensibilizaria a vontade caso não fosse *sentida* a sua falta (sentir, nesse caso, com valor forte), aponta Filaleto. Além de indicar a insuficiência na suposta busca exclusiva do que é julgado bom, isso mostraria o que haveria de mais fundamental quando se age e também abriria espaço para a *fraqueza da vontade*. Todos esses pontos se tornam evidentes a partir do exemplo que o próprio Filaleto fornece, o caso do frequentador compulsivo de tavernas (a mãe dos bares):

(...) suponhamos que um homem dado ao vinho considere que, levando a vida que leva, arruína a sua saúde e dissipa o seu bem, perderá a honra no mundo, atrairá para si enfermidades, e finalmente cairá na indigência, até o ponto de não ter com o que satisfazer esta paixão de beber, que o domina de forma tão intensa. Todavia, as inquietações que sente continuamente, por estar longe dos seus companheiros de bebida, o arrastam ao cabaré nas horas em que costuma ir lá, embora tenha diante dos olhos a perda da saúde e do seu bem, e talvez até mesmo a perda da felicidade da outra vida: felicidade que não pode considerar um bem sem importância, pois reconhece ser muito mais excelente que o prazer de beber ou que o tagarelar vão de um grupo de desordeiros. Por conseguinte, não é por não ter diante dos olhos o bem supremo que ele persiste na desordem, visto que tem presente este bem supremo e lhe reconhece a existência, a ponto de, nas horas vagas, entre as bebedeiras, resolver entregar-se à busca de um bem supremo; todavia, quan-

do a inquietação de ser privado do prazer habitual de beber o atormenta, o bem que reconhece mais excelente que a bebida não exerce mais força sobre seu espírito, e é essa inquietação atual que determina a sua vontade à ação à qual está habituado, e que por isso, fazendo maior impressão nele, prevalece na primeira ocasião, embora ali mesmo se comprometa por assim dizer com promessas secretas a não repetir a mesma coisa e imagine que seja a última vez que agirá contra o seu maior interesse. Assim sendo, ele se vê reduzido a dizer de tempos em tempos: “Vejo o melhor partido e o aprovo, porém adoto o pior” [não há grifos no original]⁴.

No final deste trecho, é citada a frase emblemática de Ovídio, escrita no seu *Metamorfoses*⁵, que sintetiza basicamente três pontos:

I. Um agente que identifica a melhor opção, o melhor a ser feito e o que deve evitar.

II. Ele não apenas identifica o que deveria fazer, mas também reconhece *racionalmente* o que deveria fazer ou julga o que deveria fazer ou se abster.

III. Porém, de alguma forma fracassa ao buscar o oposto à melhor opção⁶. O ponto é entender de onde viria essa falha⁷.

Filaleto conclui que, por mais evidente que seja o discurso elaborado na mente de uma pessoa (se pensado em termos de silogismo prático), ela não se moverá apenas em função disso caso não seja, para usar uma expressão arriscada, *psicologicamente motivada*. Se não houver inquietação, não se busca o objeto, mesmo

4 LEIBNIZ, G. W. *Nouveaux Essais sur l'Entendement Humain*, pp. 157-158.

5 OVÍDIO. *Metamorfoses*. In: LEIBNIZ, G. W. *Nouveaux Essais sur l'Entendement Humain*, pp. 20-21.

6 VAILATI, E. “Leibniz on Locke on Weakness of Will”, p. 214.

7 Aristóteles trata desse tema acerca de quem pratica uma ação que contraria suas crenças e que se arrepende por não ter seguido o que sua razão lhe mostraria como a melhor opção a ser feita (ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, EN VII 1-7).

que haja um julgamento que aponte para a vontade que tal coisa deve ser buscada ou que se trata de um bem. Dessa forma poderia ser compreendido como acontece o fenômeno da fraqueza da vontade, que, como se viu, representaria o abandono das crenças por parte de um agente, o qual acaba por não buscar o que a princípio seria melhor para ele, mas que não o torna inquieto.

*

A exposição de Filaleto pode causar estranheza e parecer ter pouca força para mostrar o que há de mais fundamental quando se age ao defender que o ato humano é realmente motivado apenas pelo desconforto. Teófilo parte imediatamente para criticá-la, mas ele não elimina tudo o que foi apresentado pelo seu interlocutor. Antes, busca colocar as coisas nos seus devidos lugares. Provavelmente, Leibniz observa na tese de Filaleto a oportunidade para um aprimoramento do mecanismo da ação humana e para a compreensão da fraqueza da vontade.

Teófilo nota certo exagero em afirmar que a vontade é movida, sobretudo, pelo incômodo, e em descartar o bem como motivador dessa faculdade. Há elementos fundamentais para todos os atos, e nisso os dois personagens estariam de acordo. Porém, quando se trata do agir humano, há outras especificidades não percebidas por Filaleto. Contudo, para entender melhor a posição leibniziana, somos obrigados a passar ao menos de sobrevoo sobre alguns itens da sua metafísica.

Grosso modo, para Leibniz o mundo seria composto por infinitas substâncias dotadas de verdadeiras unidades e de noções completas. Cada uma agiria de maneira absolutamente espontânea, sem que seus movimentos fossem oriundos de uma causalidade transitiva; nenhuma substância imprimiria diretamente ação sobre a outra, como se o movimento no mundo fosse fruto de relações causais baseadas em choques. Isso não impede que as substâncias tenham acesso ao mundo exterior que habitam, segundo a filosofia leibniziana. Assim, surgem as *percepções*, que nas palavras de Leibniz são definidas como a presença do infinito no finito e que também teriam a função de diferenciar esses seres, que não seriam simples átomos homogêneos. É certo que esses pormenores não esclarecem muita coisa sobre a percepção. Para usar um artifício didático, é possível

interpretar a percepção no nível substancial, mas em proporção menor, como semelhante à percepção sensível no caso dos homens. Como poderá ser notado, os seres humanos estariam em estágio mais elevado do que as substâncias em estado simples, e por isso teriam percepções mais ricas.

A percepção pode ser pensada como aquilo que permite formar uma impressão vinda do mundo exterior em uma substância. Uma substância está sempre em estado perceptivo, ou seja, de certa forma ela é sempre afetada pelo mundo. Ainda é necessário acrescentar que ela está sujeita a uma infinidade de percepções simultâneas. Para ilustrar tudo isso, pode ser retomada a percepção humana, por exemplo, quando se está diante do mar e se escuta um grande barulho que, na verdade, seria composto de sons menores, mas não identificados isoladamente. Nesse caso, há uma percepção confusa por exatamente haver uma composição de diversas percepções ínfimas e incapazes de atrair a atenção de quem as percebe⁸.

As substâncias se movem na busca incessante por novas percepções. A passagem de uma percepção para outra é chamada por Leibniz de *apetição*. Dessa maneira, se a busca por novas percepções é constante, o mesmo se passa com as apetições; sempre há novas apetições. A tendência de uma percepção para outra, representada pela apetição, leva ao movimento mais básico das substâncias. Percepção e apetição se referem ao que seria a atividade primordial dos seres.

Em um primeiro momento, as substâncias podem alcançar enriquecimento no seu conceito, porque suas percepções ganham complexidade. Os resultados das percepções, ou melhor, as suas contrapartes, são as *representações* (do plano exterior). Essas representações podem ser retidas na substância, o que origina a *memória*.

A memória se relaciona a uma elevação do estágio em que se localiza um ser, porque está ligada ao surgimento do que podemos chamar de *animal*. O animal, na filosofia de Leibniz, não é apenas um ser que pode se mover, pois qualquer substância age espontaneamente, inclusive aquelas que estão em

8 LEIBNIZ. “Princípios da Natureza e da Graça fundados na Razão”, §4.

um estágio mais simples, que também podem ser chamadas *enteléquias*. O novo detalhe é que o animal retém os efeitos das percepções, podendo recordá-los e passar a agir em função do que é rememorado. Leibniz ilustra esse conhecimento por memória com o caso de um cão que fora ferido por um pedaço de pau; quando tal animal reconhece um instrumento semelhante àquele que lhe causou dor, ele tende a fugir⁹.

No pensamento leibniziano, o enriquecimento do nível perceptivo e, por conseguinte, do nível de um ser não para por aí, pois um ser, além de ter percepções, apetições e memória, pode também passar a perceber suas próprias percepções. Essa situação representa a reflexão ou a consciência; eis o que Leibniz chama de *apercepção*, que além de ser um olhar para si ou para as próprias percepções, também inclui a formação do pensamento conceitual, o que permite ao homem conhecer as verdades eternas, como o princípio de contradição, a noção de ser, de deus, de felicidade etc. De posse da apercepção, uma substância pode ser considerada racional. Abre-se espaço para o ser humano.

*

A partir desse panorama da ontologia leibniziana, começa-se a mostrar o que leva Teófilo a considerar exagerada a posição de Filaleto, por este defender que as inquietações seriam o principal motor para a ação humana, como se agir fosse uma forma constante de fuga de uma vida miserável. Ele aceita que a inquietação possa ser uma grande incentivadora para as ações desde que se pense que ela se assemelhe ao conceito de percepção, sem que ela seja uma verdadeira forma de dor, como parecia ser sustentado por Filaleto. No caso da ação por vontade, haveria ainda outra situação. Teófilo começa a apontar o pensamento de Leibniz sobre o que deveria ser considerada a base da ação humana.

9 O autor da *Teodicéia* associa o conhecimento por memória ao que ele chama de simples conhecimento empírico. Dessa forma, por exemplo, o saber referente evento cotidiano do nascer do sol normalmente se assemelharia ao desse animal que foge da dor. Falar que “o sol nascerá amanhã” está normalmente fundamentado no que a experiência mostra ao longo do tempo. Leibniz entende que quando se fundamenta o conhecimento de outra forma, sobretudo intelectualmente, é que se consegue libertar do conhecimento empírico, por exemplo, o astrônomo, que pode afirmar com maior certeza que “o sol nascerá amanhã” sem estar apenas preso às experiências.

Todo movimento é fundamentado em percepções, que fariam com que a substância superasse pequenos empecilhos em direção a novas percepções. Como foi visto, uma substância tem uma infinidade de percepções simultâneas e busca, incessantemente, novas percepções (da mesma forma que o ser humano tem diversas percepções sensíveis simultâneas), o que põe em cena a apetição, a passagem de uma percepção para outra.

Com a elevação do seu grau de ser, acompanhado de um aprimoramento perceptivo, no caso do ser racional, uma substância passa a ter consciência de suas percepções, o que poderia melhorar a direção de suas ações. Mesmo em um ser racional é fato que as percepções e apetições permanecem como sua base geral de movimento, como molas que o impulsionam, mas ele aprende a direcioná-las, porque passa a poder olhar para si mesmo, o que lhe permite circunscrever uma região de diversas percepções de que não se tem consciência nos seus mínimos detalhes e a colocar um fim que se sobrepõe a elas.

Teófilo aceita que a inquietação possa ser tomada como algo básico para mover o agente caso esse conceito seja idêntico ao de pequena percepção (inapercebida). Ele nota que Filaleto não pensa assim por fazer certas confusões. A noção de dor pertence à esfera sensível, não à região mais básica que impulsiona os seres humanos, que na maioria das vezes não é percebida, e para a qual o termo sofrimento poderia no máximo ser tomado como metáfora. Se a dor fosse realmente o que moveria o ser humano em todo momento, a vida seria miserável na maior parte das vezes, pois não passaria de uma constante fuga da dor. Filaleto não nota essa região que não perde sua função, mas que não é visível, segundo Leibniz.

Essa falha apontada por Teófilo nas palavras do seu interlocutor se baseariam numa tese ainda mais problemática, a de que não existiria nada na alma de que ela não se desse conta.

(...) há uma série de indícios que nos autorizam a crer que existe a todo momento uma infinidade de percepções em nós, porém sem apercepção e sem reflexão: mudanças na própria

alma, muito insignificantes e em número muito elevado, ou muito unidas, de sorte que não apresentam isoladamente nada de suficientemente distinto; porém, associadas a outras, não deixam de produzir seu efeito e de se fazer sentir ao menos confusamente. Assim é que, por força do hábito, não notamos mais o movimento de um moinho ou de uma queda-d'água, depois que tivermos morado por algum tempo perto dele. Não é que tais movimentos deixem de afetar sempre os nossos órgãos e que não despertem nada que corresponde a tais órgãos na alma, devido à harmonia reinante entre alma e corpo; o que acontece é que tais impressões despertadas na alma e no corpo, por serem destituídas dos atrativos da novidade, não são suficientemente fortes para atrair nossa atenção e a nossa memória, ocupada com objetos que chamam mais a atenção¹⁰.

Para deixar ainda mais claro, se fosse tomado o caso da sensação de fome, para Teófilo isso não ilustraria uma situação de inquietação no sentido dado por Filaleto, o qual parece criar confusão entre *ter fome* e *estar faminto*. Geralmente a fome é uma sensação leve, que não traz um incômodo insuportável, ao contrário do estar faminto, que é um momento crônico em que a pessoa pode sentir desconfortos físicos fortes, inclusive dores. Filaleto não nota que nem sempre o que move o agente é algo notável.

Há essa zona profunda, em que se encontram as pequenas molas da ação, a qual pode ser enriquecida graças à entrada das apercepções, que podem dar lugar ao termo razão. A razão permite que não haja busca de maneira simples de um fim almejado (nova percepção) pelo agente, que pode doravante controlar sua corrida perceptiva.

Dentro do pensamento de Leibniz, a vontade aparece como faculdade ligada à elevação do nível de ser, ou melhor, ela surge com o olhar para si ou com o aperceber as próprias percepções. Quando se passa a olhar para si ou a

10 LEIBNIZ, G. W. *Nouveaux Essais sur l'Entendement Humain*, p. 38.

ter apercepção, é que também passa a haver julgamento acerca daquilo que é perseguido pelo agente, não mais levado exclusivamente por uma região obscura de infinitas percepções. *O ser racional é capaz de reunir essas pequenas molas ou de controlá-las de alguma maneira.*

É interessante notar que, para Leibniz, a vontade passa a existir exatamente porque um ser se torna capaz de orientar suas percepções não apercebidas, ou seja, o ser racional pode julgar para onde deve ir. A apercepção permite que o ser humano possa ter melhor ideia das suas percepções e que ele não aja apenas graças a impressões obscuras. A ação de um ser racional é ainda composta pelo que Teófilo chega a chamar de pequenas percepções; mas o agente dotado de apercepção pode ter algum controle sobre suas pequenas percepções. Trocando isso em miúdos, o agente humano pode passar a perseguir o que lhe surge como bem.

Um ser humano não precisa mais agir de forma instintiva como os outros animais. Conforme o pensamento leibniziano, no movimento exclusivamente animal torna-se mais evidente que o movimento ocorre por causa de percepções obscuras ou por uma organização rudimentar das pequenas percepções. O agente humano pode superar tal situação; ele não precisa mais perseguir de forma voraz uma presa para saciar sua fome. Ele pode ponderar outras formas para se alimentar, por exemplo, ir ao mercado, ao restaurante etc. O animal racional pode mesmo preparar estoques para suprir sua necessidade de alimento. O agente dotado de razão é capaz de considerar se algo é ou não bom para ele, ou seja, é capaz de calcular o valor do fim para si e a viabilidade em se partir para a busca do bom objeto.

Vale reforçar a tese de que o homem não deixa de ter suas ações ligadas às pequenas percepções e também às apetições. Segundo Leibniz, seria inviável o estado constante de consciência, e isso por duas situações. Primeiro, se caso alguém se tornasse consciente da sua percepção e, em seguida, da percepção da percepção, isso poderia ir ao infinito; deve haver um ponto final para a apercepção, que deve ser uma percepção. Nem sempre o ser humano age por vontade, mas parece normalmente agir por apetição (o ato de se coçar ilustra bem isso).

As percepções sensíveis, sempre funcionam como espécie de princípio, mesmo para seres mais elevados. A novidade é que eles podem não mais agir apenas por impressões superficiais, pois podem julgar previamente o que irá buscar e notar se realmente será bom; ainda resta algo abaixo do estado consciente para organizar, pensa Leibniz.

O argumento de Filaleto é apreciado por Teófilo por ter certa noção de que há algo mais básico que fundamenta as ações, mas ele não faz as distinções necessárias para revelar, de um lado, uma região não-consciente e, do outro, uma esfera superior, onde está a vontade, o julgamento e, com ambos, a busca por um fim mais elaborado pelo agente humano, isto é, aquilo que lhe surge como bem. Toda ação dos seres é motivada pelas percepções, mas o bem pode ser considerado o principal motivador para a ação tipicamente humana, porque a vontade é ativada, sobretudo, por aquilo que é julgado bom para o agente.

Isso coloca em campo o *intelectualismo* leibniziano, pois, segundo o filósofo, o que é julgado bom por um agente racional é capaz de seduzi-lo de tal forma que dificilmente ele age de maneira diferente. Se alguém vai para além das simples impressões, mas busca reconhecer o que realmente está por detrás das simples percepções por meio da sua razão, essa pessoa poderá encontrar o que é o verdadeiro bem. Ademais, o que é reconhecido ou julgado bom é irresistível, pensa Leibniz.

*

Feito esse panorama da controvérsia, pode-se tentar delinear a fraqueza da vontade na filosofia de Leibniz, para quem Filaleto esteve próximo de entender esse fenômeno. Teófilo afirma que, em casos como o do frequentador do bar, o que acontece é a presença de algo vazio quando esse homem pensa que “não é bom ir à taverna”. Assim como alguém pode não estar convencido e usar *discursos vazios*, ele pode ter um julgamento que não corresponde a nada, pois ele não *apercebe* realmente aquilo que está sob seu desejo e acaba levado por percepções confusas. Seria como um ser humano que não teria alcançado de fato uma elevação do estágio do seu ser e estaria mais próximo dos animais, levado não pelo bem, mas apenas pela memória e por apetições. Haveria, nesse caso,

um desencontro entre o discurso e o conjunto de pequenas percepções, as quais realmente moveriam o agente.

O ser humano não precisa mais manter-se orientado exclusivamente por um espaço escondido, das pequenas percepções, que ainda mantêm sua função. Ele pode controlar tal região até o ponto em que alcança a *disposição* de agir de determinada maneira na busca daquilo que é bom para ele. O amante do vinho não teria desenvolvido uma disposição que lhe tirasse do vício do bar, talvez por uma falha em sua educação ou por outros fatos na sua vida. Ele apenas adquiriu um discurso para si que não tem poder efetivo nenhum para mexê-lo, e assim ele ainda submete-se apenas às impressões obscuras. A manutenção de sua saúde, o seu bem estar e mesmo sua felicidade não sensibilizam de forma satisfatória a zona das suas pequenas percepções para incentivar alguém a agir da melhor forma, sem que precise dizer que ele não age da melhor forma pela ausência de coisas cuja falta lhe incomodam, e sim porque suas pequenas molas não estão bem direcionadas. Caso o julgamento esteja vazio ou não alcance o espaço não-consciente, a vontade não estará ainda disposta a seguir seus preceitos.

Ao se referir a essa região mais profunda do agente, de onde sairia seu caráter, Leibniz não considera que se trate de uma zona estritamente intelectual, o que significa que a formação da disposição não seria apenas pelo processo racional. A região das suas percepções é o lugar da disposição. Isso pode ser a chave para não enquadrar o filósofo no grupo dos intelectualistas radicais, que defendem o poder irrestrito da razão sobre as ações humanas. Nesse caso, a falha em se praticar a melhor ação, que seria revelada pela razão, seria fruto de ignorância por parte do agente.

Leibniz também aponta que a falha em seguir o que seria a melhor opção toca uma questão de *tempo*. Não é difícil notar que um objeto que traz prazer imediato é mais atrativo do que outro que traz prazer gradativo ao longo do tempo ou apenas no futuro. O cálice de vinho ocasiona grande prazer ao nosso amigo na medida em que seu resultado é imediatamente notado, ou em termos leibnizianos, *chama mais a atenção* do agente, sem que essa ideia inclua o estado de consciência, pois toca mais suas percepções. A vida feliz, que depende de ações

virtuosas, é construída gradativamente, o que torna difícil detectá-la, sem contar que possivelmente o agente não a alcança. Assim, é até compreensível que alguém prefira o bar a manter-se em casa longe do copo.

Leibniz: Rational Action and Weakness of Will

Abstract: This article is an attempt to investigate a classic problem associated with the human action that can be extracted from the Leibnizian texts about the weakness of will, an issue emblematically briefed by Ovide: “I see clearly which [way] is better, and I know it is right, yet I follow the way that is worse”. The author of the Theodicy seems to suggest a way to understand the phenomenon of akrasia. *A good source for this research is his work New Essays on Human Understanding, in which he directly debates thesis of the book An Essay Concerning Human Understanding* by Locke. In Leibnizian text, one of the concepts discussed is the uneasiness. Locke believes that the fundamental basis for human actions would be to prevent the uneasiness caused by the feeling of missing something. Leibniz not completely refutes the idea of the English philosopher, however looks for improving it by introducing “the perceptions which are not apperceived”. In Leibnizian philosophy the problem of weakness of will may be linked to a region that the agent does not know directly but which is fundamental to any action, even for the so-called rational.

Keywords: human action – weakness of will – Leibniz – will – perception.

Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Coleção *Os Pensadores*. São Paulo : Abril Cultural, 1973.
- BELAVAL, I. *Leibniz : initiation a sa philosophie*. Paris : Vrin, 1993.
- LEIBNIZ, G. W. *Nouveaux Essais sur l'Entendement Humain*. Paris : Garnier-Flammarion, 1966.
- LEIBNIZ, G. W. “Princípios da Natureza e da Graça fundados na Razão”. In: _____. *Discurso de Metafísica e outros Textos*. org. Lacerda, T. M.. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

- ROINILA, M. “Leibniz’s Models of Rational Decision”. In: DASCAL, M. *Leibniz: What Kind of Rationalist?* Tel Aviv: Springer 13, 2008, pp. 357-370.
- RUSSELL, B., *A Filosofia de Leibniz: uma exposição crítica*. trad. J. E. E. Villalobos, H. L. Barros e J. P. Monteiro. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.
- VAILATI, E. “Leibniz on Locke on Weakness of Will”. In: *Journal of the History of Philosophy*, 28, pp. 213-228, 1990.